dma - 2006

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Ser filhas

Nº 9 / 10 – setembro - outubro

SUMÁRIO

Editorial	Recomeçar por Maria	pág. 04
Dossiê	Sermos filhas	pág.05
Banco de dados		pág.11
Diálogo	A pastoral do amor	pág.12
O tema	A educação líquida	pág.14
Escrever	Escritura da esperança	pág.17
Fio de Ariadne	Mãe e Filhas	pág.20
Mundos dos jovens	Estados Unidos a voz dos jovens	pág.24
A outra economia	Pouco dinheiro. Grande esperança	pág.26
Vozes de mulheres	O sabor da esperança	pág.29
É vida	Empenho missionário em favor da família	pág. 31
Direito de acesso	direito de acesso a.... Participar	pág.33
Camilla	Viva a vida ... fraterna	pág.36
Fórum		pág.37
Próximo número		pág.37

DMA Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 – 00139 – Roma – RM
Tel: 06 / 87.27.41
Fax: 06/ 87.13.23.06
e-mail: dmariv2 cgma.org

Diretora responsável: Mariagrazia Curti.

Redação
Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino.

Colaboradoras:

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia di Massimo – Dora Eylenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Mariola Klos – Enamary MacDonald – Anna Mariani – Cristina Merli – Marisa Montalbetti – Maria Helena Moreira – Concepicion Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Rossella Raspanti – Manuela Robazza – Maria Rossi – Josefa Vicente.

Tradutoras:
Francês – Vittoria ravano – Odile Van Deth.
Japonês – Inspetoria Japonesa.
Inglês – Louise Passero.
Polaco – Inspetorias polacas.
Português – Elizabeth Pastl Montarroyos.
Espanhol – Amparo Contreras Alvarez.
Tedesco – Inspetorias austríaca e tedesca.

Edição Extra Comercial:
Instituto Internacional Maria Auxiliadora.
00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81. c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma nº 13125 de 16 / 01 / 1970 – exped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, lei 662/96 – filial de roma – nº ½ janeiro – fevereiro 2006 – Tip. Instituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 – Roma.

EDITORIAL

RECOMEÇAR POR MARIA.

Giuseppina Teruggi

Os irmãos e as irmãs não cristãos sugeriram estradas de encontro no diálogo entre religiões diversas. Assim aconteceu algum tempo atrás quando Magdi Allam egípcio de religião islâmica e vice – diretor do *Corriere della Sera* – jornal nacional muito difundido – propôs aos muçulmanos que viviam na Itália de visitarem os santuários deste país.

O jornalista apresentou a sua proposta sobre as páginas do jornal em que trabalhava e se disse convicto de que a Virgem Maria constituía um ponto de encontro entre cristãos e islâmicos. *"Maria é uma figura presente no Corão, que lhe dedica uma inteira "sura"- afirmou. É citada umas trinta vezes e nos Países muçulmanos existem uns santuários marianos que são objeto de veneração e peregrinação por parte dos fiéis cristãos e muçulmanos"*.

Colocou uma interrogação que é também uma provocação para nós: "Se isto acontece nos países muçulmanos porque não pode acontecer num País cristão, sobretudo numa fase histórica em que temos necessidade de individualizar uns símbolos, uns valores e umas figuras que unam as religiões e que unam as espiritualidade e as culturas?", sublinhou. Em termos muito concretos Magdi Allan disse que a peregrinação mariana de Loreto (Itália) pode representar um momento de encontro e agregação espiritual entre muçulmanos e católicos ao redor de Maria, uma figura religiosa que é venerada por ambas as religiões.

Somos muitos acreditando que Maria pode abrir sempre mais a Igreja aos horizontes do mundo e constituir uma ponte de diálogo entre culturas e religiões. O escritor Vittorio Messori, autor de livros - entrevistas a João Paulo II e ao Cardeal Joseph Ratziner, se uniu ao apelo de Magdi Allam afirmando que o diálogo entre cristãos e muçulmanos "pode recomeçar por Maria".

O Projeto formativo das FMA, com o título Nos sulcos da Aliança, abre a uma perspectiva interessante quando convida a expressar, hoje, o inédito da vida de Maria. Tantas palavras e eventos da sua existência não são notados porque – se lê no texto – "poderiam ser descobertos e realizados no tempo".

A abertura e o diálogo entre religiões e fé diversas representam talvez um dos aspectos fecundos deste inédito da vida de Maria que nós

somos chamadas a realizar em nosso tempo. Também estas são páginas que somos convidadas a escrever no terceiro Milênio, em nossos contextos globalizados e marcados pela presença próxima de múltiplas culturas e religiões.

Maria, mãe e educadora, nos ensina a viver e a atualizar *"a bem-aventurança dos crentes e a nos dedicarmos a uma ação apostólica portadora de esperança"* (Const. 44).

Recomeçando por Maria, podemos incrementar o diálogo com muitas irmãs e irmãos, presentes em todos os Países do mundo, que vivem a incerteza da mobilidade humana, a precariedade da migração, o impacto com uma cultura diferente. Num clima de recíproca confiança, no espírito de solidariedade que liberta do fechamento, preconceitos, nacionalismos.

DOSSIÊ

SER FILHAS

Mara Borsi e Marta Seide.

"Maria, Mãe de Deus e da Igreja é ativamente presente em nossa vida e na história do Instituto" (C 44).

A experiência de fé de Dom Bosco foi fortemente mariana. Ele fez os jovens experimentarem a presença da Mãe do Senhor. No decorrer dos dias Dom Bosco conta a eles tudo o que Maria Santíssima faz: prover o pão, a casa, salva dos perigos, caminha ao lado de quem luta para vencer o mal e o pecado que corrói o coração da pessoa, enfraquecendo, sobretudo, a capacidade de amar, orienta as decisões para se tomar, protege os missionários.

Na morte de Mamãe Margarida dirigiu-se à Basílica da Consolata acompanhado por Giuseppe Buzzetti, com a voz rouca pela emoção e pela dor se dirigiu a Maria Santíssima assim: *"Eu e os meus filhos estamos agora sem mãe... de agora em diante serás de modo particular a minha mãe e a mãe deles"*.

Na primavera de 1887 Dom Bosco fez a sua ultima viagem à Roma, por ocasião da consagração da Basílica do Sagrado Coração. Celebrando a missa no altar de Maria Auxiliadora na nova igreja parou 15 vezes chorando. *"Há seu tempo tudo compreenderás"*, tinha dito a Senhora do antigo sonho, agora o significado daquela frase aparece plenamente revelado nos fios dos dias tecidos pela Providência.

Dom Bosco nos deixou por herança um método educativo com claras conotações marianas, mas, sobretudo nos deixou a experiência de ser filhos e filhas de Maria de Nazaré.

LEVANTAR O VÉU DO MISTÉRIO

"Minha Mãe põe a tua mão antes da minha". Esta é a breve fórmula utilizada por Ir. Maria Romero para solicitar o auxílio e a presença de Maria Auxiliadora nas vivências cotidianas que a empenhavam sobre várias frentes de auxílio aos pobres. Levantar o véu do mistério para ela significava simplesmente ser filha daquela Mãe que em Caná percebe a necessidade e solicita a intervenção do Filho.

Maria Romero nasceu em Nicarágua e transcorreu a sua existência como FMA em Costa Rica, entre os mais pobres. Mesmo imersa numa atividade incansável plasmou as suas jornadas com a oração. Entre uma emergência e um problema organizativo e outro iniciar de projetos o seu coração era sempre voltado para Deus, o seu Sol e à Virgem, a sua Rainha.

Sentia-se profundamente filha, sentia-se uma menina levada nos braços de sua mãe. Um dia refletindo sobre este seu relacionamento privilegiado como predileta da Mãe, embalada pelo Pai e amada por Jesus, como tantos anos antes tinha sentido no coração, e sobre o qual tinha fundamentado o seu pacto com Deus, veio em mente uma idéia genial, uma idéia que concretizasse, por assim dizer, esta história de amor.

Pegou a imagem de Maria Auxiliadora com o Menino nos braços e de uma outra figura, cortou a figura de uma menina do mesmo tamanho e a colocou sobre o braço de Nossa Senhora. Enviando aquela imagem a Ir. Clélia Genghini, secretária geral, comentava: *"Eis-me pequena e menina entre os braços da mãe junto a Jesus"*.

UMA PRESENÇA VIVA

Sr. Maria Romero desejava comprar uma casa ao lado do dispensário para poder acolher as jovens recolhidas da rua. Para esta aquisição foi obrigada a pedir um empréstimo. Foi falar com o diretor do Banco Nacional.

- "Temos necessidade de um empréstimo" - lhe disse.
- "Neste tempo o banco não está fazendo empréstimo e depois só com um pedido escrito" – respondeu o diretor.
- "Eu não tenho nenhuma dificuldade em escrever o pedido", respondeu Ir. Maria.
- "Mas tens fundo?".

- “Sim, uma caixa sem chave porque tanto entra como sai”.
O diretor sorriu, e disse seguro: “Não obterás o empréstimo”.
Ela insistiu: “Peço somente que envie o meu pedido para a direção central”.
Depois começou a preencher o formulário: “Quem é o responsável? “ perguntou o diretor, “quem responde por este dinheiro?”. Ir Maria permaneceu um momento em silêncio e depois com toda alegria exclamou: “È Nossa Senhora”.
O pobre diretor perguntou: “Tens entrada?”
- “Sobretudo saídas”.
E ainda: “Tens conflito com alguém”.
- “Todos os dias com o diabo”.
No fim o diretor admirado disse: “Mas como queres que eu apresente uma folha com semelhantes respostas?”
Ir. Maria não obstante tudo isto obteve o empréstimo com o prazo para restituí-lo em nove anos. O débito foi pago pela providência em três anos.

DOM BOSCO CONTA.

Em Mornese depois da profissão religiosa Dom Bosco pediu ao Bispo Mons. Sciandra para fazer uma breve saudação às novas religiosas.
“Vós pertenceis a uma família religiosa que é toda de Maria, sois poucas... desprovidas de recursos.... Nada vos perturbe.
Tendes como glória o vosso belo título de Filha de Maria Auxiliadora e penseis muito que o vosso Instituto deverá ser o monumento vivo da gratidão de Dom Bosco à grande Mãe de Deus” (Cronistória I 305.306).

Naquela mesma ocasião Dom Bosco pediu às Irmãs para acolher Maria Domingas Mazzarello como a superiora, e disse...

“Reconheçais como vossa superiora Ir Maria Mazzarello e como tal deveis escutá-la e obedecê-la.
Por enquanto ela terá o título de vigária, porque a verdadeira diretora é Nossa Senhora” (Cronistória I 309).

MARIA DOMINGAS CONTA.

Maria Domingas jamais esqueceu as palavras pronunciadas por Dom Bosco no dia da fundação do Instituto e...
“Todas as tardes colocava nos pés de Nossa Senhora a chave da casa” (Maccono I 310).

Escrevendo a Ir. Ângela Vallese e às irmãs das casas de Montevideo, Villa Colon e Las Piedras recorda às missionárias que são Filhas de Maria Santíssima que para dar prazer a Ela é necessário praticar a regra do amor recíproco.

"Digam-me, vocês se querem bem? Usam de caridade uma para com a outra? Espero que sim, mas também nestas coisas devemos nos aperfeiçoar para dar prazer à nossa querida Mãe Maria Santíssima. Usem umas com as outras de caridade, ajudem-se nos trabalhos, corrijam-se com doçura e tomem sempre cuidado com os aviso que são dados" **(MM - Carta 27).**

UMA DUPLA ENTREVISTA

Carolina Fiorica, presidente da Confederação mundial das ex-alunas.
Ir. Marie Pierrette Louisjuste, jovem FMA de Haiti.

Quem é Maria de Nazaré para você?

Carolina Fiorica – Aprendi a conhecer e a amar Maria na minha família, mas as primeiras recordações da Sua presença estão ligadas sobretudo à vida no colégio, uma Casa das FMA de Palermo. Para mim Maria é Mãe, o refúgio, o exemplo. É a Virgem enamorada pelo Seu Deus; é a mãe junto do berço – muito pobre – do seu Menino: é a presença silenciosa e eficaz nos momentos fortes da vida do Filho; é a Pietà com o Filho novamente no seio...

Sr. Marie Pierrette Louijuste – Para mim Maria de Nazaré é mãe, um modelo de fidelidade de amor e de dom total, uma mulher livre e libertada que aceitou colaborar com alegria no desígnio de Deus para a salvação da humanidade. Não obstante as dificuldades ligadas à sua condição de mulher numa sociedade machista, Maria enfrentou os preconceitos do seu tempo para dar a sua contribuição para a mudança, no nascer de tempo novo da salvação. Graças a ela a humanidade encontrou o rosto do seu Deus.

Em tua vida quais foram os momentos em que sentiste Maria a Mãe do Senhor mais presente?

Carolina Fiorica – Cada uma de nós certamente experimentou muitas vezes a presença de Maria em sua vida.
Desde quando criança e adolescente freqüentávamos as Casas das nossas irmãs, Maria foi sempre um ponto de referência e um porto seguro. Cantávamos serenas: "*È Maria Auxiliadora um doce farol no meu mar...*" Depois a vida nos absorveu. Mas ela ficou para nós um doce farol. Para mim, em seu nome vi o fogo que ardia em minha casa trocar de direção, projetos em outras estradas, doenças gravíssimas. E tudo com extrema

simplicidade: como convém a uma filha protegida pela sua mãe, que para ela, faz tudo aquilo que pode. E Ela pode muito.
Em meu ambiente de trabalho mesmo as colegas que se dizem atéias recorrem a Ela através de mim.

"Coloca a tua mão, minha Mãe, coloca sempre antes da minha". Nestes dias uma colega teve que se submeter a um diagnóstico difícil e se recomendou a mim para que rezasse, eu disse esta frase explicando que pedi a Auxiliadora para colocar a sua mão antes das mãos dos médicos. E desde aquele momento também ela sugere a toda a pessoa que se encontra em dificuldade de qualquer gênero esta invocação. O fato surpreendente é que se trata de pessoas que dizem que não crêem. Mas quem conhece o segredo dos corações?

Ir. Marie Pierrette Louijuste – Em minha vida sempre senti a presença de Maria, mas quero lembrar aqui um fato que me permitiu experimentar a sua proteção materna.
Era ainda uma menina, tinha o grande desejo de participar da festa de Nossa Senhora do Carmelo, chamado em minha cidade de Virgem do Milagre. Os meus pais não queriam porque o santuário ficava muito longe. Na véspera da festa sonhei com Nossa Senhora e lhe pedi uma graça muito grande para a minha família e a obtive.
Mamãe recomendava sempre de rezar pedindo a intercessão de Maria em todas as circunstâncias da vida. Posso testemunhar que a sua presença sempre se fez sentir, principalmente nos momentos mais difíceis.

Em tua vocação de educadora como Maria ti guia e ti acompanha?

Carolina Fiorica – A lei da "competência" de educadora vem da Sabedoria. Nós podemos dedicar à formação e à atualização muito tempo da nossa vida profissional e continuar a perceber no interior da natureza dos jovens confiados aos nossos cuidados.

Se depois falamos de filhos... a questão torna-se ainda mais complexa porque entram em jogo delicadas variedades que estão ligadas à condição humana.
Em cada caso: a presença viva e palpitante mas discreta: o respeito máximo pelo o que o educando é – um ser humano, culme da Criação, com infinitas potencialidades – a atenção às necessidades: o tomar pela mão no caminho da vida, cheio de dificuldades e imprevistos, para indicar um sadio discernimento; o silêncio cheio de Palavra e de Vida.

Não digo que sou tudo isto, mas que me esforço para ser. Porque educar na escola de Maria é, para mim – e penso para cada ex-aluno (a) – um desafio aceito e proposto aos outros.

Sr. Marie Pierette Louijuste – Maria me acompanha sugerindo-me o seu estilo educativo. Realizou grandes coisas na humildade e no despojamento total. Assumiu a sua responsabilidade de mãe educadora do filho nos mínimos detalhes mesmo sabendo que era Filho de Deus.
Maria me ajuda a respeitar o ritmo e a idade do outro; de fato seguiu e acompanhou Jesus desde a concepção até à morte e, além disso, favorecendo o seu crescimento em idade, sabedoria diante de Deus e dos homens.
Maria manifestou a confiança em Deus e não nas próprias forças. É uma figura de educadora atenta que sabe permanecer no próprio lugar e deixar que Deus aja nas pessoas.
Maria me ensina a acompanhar os jovens e as jovens de modo tal que Deus cresça no coração deles para que as suas vidas sejam contínuo Magnificat ao Senhor pelas maravilhas operadas em sua existência e na Igreja inteira.

Asterisco - Ponto de vida.

Na linguagem da informática. O comando asterisco (*.) leva à procura de conteúdos da palavra indicada depois do ponto, presentes no computador. Para encontrar o comando clicar sobre: start – procura. Temos escolhido esta imagem para indicar que em cada dossiê deste ano, a última parte é confiada à busca pessoal e comunitária.

+ reler e meditar o artigo 4 das constituições.

+ escrever as ladainhas que mais expressem o seu relacionamento com Maria. Enviar à redação da revista dmarivcgfma.org para que sejam publicadas no Fórum do site do Instituto.

+ Dom Bosco nos deixou duas colunas: Maria e a Eucaristia.
Como vivemos comunitariamente a unidade desta relação entre Maria e a Eucaristia?

Símbolo para celebrar: As chaves nos pés de Maria.

Na comemoração do 24 de cada mês **a comunidade** se encontra:

+ celebrar com as ladainhas pessoais.

+ partilhar sobre o sonho das duas colunas e sobre Maria mulher eucarística.

+ fazer memória da presença de Maria (acontecimentos, circunstâncias na qual a comunidade experimentou o auxílio e a proteção de Maria).

BANCO DE DADOS DAS FMA

Julia Arciniegas

Para enriquecer o teu aprofundamento das Constituições através dos textos que te oferece a nossa rede de solidariedade cultural e formativa: envia um e-mail para o nosso endereço: bancadatigfma.org e pede o texto que te atrair mais... Pode indicar o autor e o título e... tudo pronto. Depressa chegará.

CONTRIBUIÇÃO DA MULHER NA IGREJA HOJE (ita).
A mulher, como a samaritana, pode ajudar a tornar o rosto da Igreja jovem quando anuncia Cristo e leva a Cristo com a vida, dando testemunho não de uma Igreja dos privilegiados, mas de uma Igreja diaconal, que louva o seu Senhor, o ama e o serve especialmente nos pobres. A mulher crente, hoje, pode transformar-se em samaritana para muitos jovens.

COLOMBO Antonia. *Giornate di spiritualità della FS. Tavola rotonda, 20.01.05.*

O SISTEMA PREVENTIVO E A REESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES EDUCATIVAS (spa).
Uma interessante contribuição sobre o Sistema Preventivo na ótica da reciprocidade e do acompanhamento. O A. toma como ponto de partida o humanismo cristão de São Francisco de Sales, fonte de inspiração da vida e da pedagogia salesiana, para analisar depois algumas problemáticas educativas de hoje à luz da Espiritualidade Salesiana. Aos jovens sedentos de comunicação podemos responder mediante o acompanhamento entendido como profecia da reciprocidade.

MIRANDA L. Maria Luisa , Amatitán, Jal. 22.10.05.

A PRESENÇA DE MARIA NAS CONSTITUIÇÕES DAS FMA (ita)
O nosso projeto de vida é intrinsecamente mariano. O instituto surgiu *"por uma intervenção direta de Maria"*. Cada FMA enquanto chamada, consagrada e enviada, tem uma particular relação com Maria, a Mãe e a Mestra. O próprio nome FMA, escolhido para nós por Dom Bosco,

expressa a identidade mariana com a qual nos caracterizamos na Igreja. Maria continua a ser inspiradora da nossa fidelidade e da nossa experiência de Deus.

CAVAGLIÀ, Piera, Casa Generalizia FMA, 05.06.

A FORÇA EDUCATIVA DO SISTEMA PREVENTIVO VIVIDO EM MORNESE (ita).

É importante revisitar as origens do Instituto das FMA para individualizar as raízes carismáticas e as modalidades com as quais se expressa a espiritualidade de comunhão em Mornese. As nossas primeiras irmãs viveram esta espiritualidade concretizada nas categorias salesianas do "espírito de família", da caridade pastoral, da unidade e convergência de intenções ao redor da missão educativa e reproposta com típicas modalidades femininas. Deles podemos tirar coragem e esperança.

RUFFINATO Piera. Colle S. Rizzo (ME) 27 – 29.02.04.

JESUS FORMADOR (ita – port).

Através de uma pontual fundamentação no Novo Testamento, o autor percorre o itinerário formativo que Jesus propõe àqueles a quem Ele chama para segui-Lo. A comunidade, que se recolhe ao redor do Mestre, se forma à luz do seu exemplo e da sua palavra. A cruz e o sofrimento estão no centro do processo de formação. Com a sua pedagogia, Jesus preparara os seus discípulos para a vida e a missão, num relacionamento de fidelidade em direção ao Pai.

MESTERS Carlos, in: Vita Consacrata, 38 (2002) 14, pp. 339 – 350.

DIÁLOGO

A PASTORAL D AMOR

Bruna Grassini

Podemos conviver sem nos odiarmos? A experiência nos faz compreender que para construir um mundo só na paz é preciso de reciprocidade, de bondade.

Reciprocidade no respeito, no reconhecer e praticar os direitos humanos universais, em particular liberdade de consciência e de religião em toda parte do mundo. Bondade em erradicar a fome, a pobreza, o ódio e fazer encontrar e dialogar as pessoas. Não por bondade, mas como estilo de vida que gera cultura, leis e comportamentos sociais. (SERMIG).

RECIPROCIDADE

No dia 7 de março de 2006, expoentes da comunidade hebraica, cristã, muçulmana emitiram um documento de condenação contra toda forma de violência, declarando: "Sustentamos o pluralismo social, religioso, político como base para um diálogo construtivo na sociedade italiana e européia e afirmando a liberdade de consciência religiosa como valor universal. Empenhamo-nos no respeito recíproco dos valores que se misturam para a promoção de uma cultura da vida e da paz" (Projeto 5,06).

Existe um símbolo que atravessa a literatura, a arte, os Livros sagrados de todos os credos, de todos os tempos: O Bom Pastor.
É entre as imagens a mais delicada, pacífica, humana. Ajuda-nos a descobrir o coração de Deus: o símbolo do Pastor é tão antigo quanto a Bíblia. Deus é o bom Pastor que cuida do seu rebanho, conhece as ovelhas e as ovelhas o conhecem, cuida das frágeis, chama a cada uma pelo nome e as ovelhas conhecem a sua voz. A Ele doam tudo de si mesmas: o leite, a lã, a carne, as ovelhas.

Troca pacífica de confiança, fidelidade. Beleza. Expressão viva de reciprocidade.

O BOM PASTOR

No salmo 23 comenta G.F.Ravasi, O Pastor é sobretudo "*o companheiro de viagem para o qual as horas do seu rebanho são as suas próprias horas, os mesmo riscos, as mesmas sede e fome, enquanto o sol bate emplacáveis sobre ele e o seu rebanho*". Ele sabe apontar em direção

ao oásis ou o pasto verde; sabe descartar as pistas perigosas. Mas o coração do Salmo está naquele "**Tu estás comigo, não temo nada".**

"As centenas de livros que li, confessa o filosofo Henri Bérgson, não me deram tanta luz e tanto conforto quanto os versos deste Salmo".

Na Tora o Deus Pastor é justo e piedoso, atento à ovelha ferida, perdida; traça o caminho, "guia" o seu rebanho, é ligado ao seu povo.
Jacó nômade, pastor e filho de pastores, pastor ele mesmo, no fim de sua vida afirma: *"Deus é o meu pastor desde quando existo até hoje, caminhou comigo, me livrou do medo"* (Gn 48, 15).

Lê-se no Corão "A vida verdadeira é aquela que responde à voz do pastor e o segue, (Sura 8). O "pastor é o mensageiro de Deus que chama. O Senhor! Ouvimos a voz de Um que chama à fé gritando "Acreditem em vosso Senhor. E temos acreditado" (3).

A palavra do Pastor toca o ouvido, o preenche de misericórdia" (5). Reciprocidade: é a chave para o diálogo. É a base para poder conviver. É o novo nome da paz.

O DIÁLOGO

Era o dia 6 de agosto de 1964 quando o "Papa Paulo VI se dirigia à Igreja e ao mundo com a sua primeira Encíclica Ecclesiam Suam". Um documento que marcou um estilo novo não somente entre a Igreja e mundo, mas também para o diálogo interconfessional e inter-religioso. O concílio Vaticano II deve muito ao Espírito que soprou esta maravilhosa Encíclica. É uma respeitosa, mas significativa mensagem voltada para o Povo de Deus e, em particular para os seus "Pastores": o Diálogo como estilo de evangelização. Paulo VI apresenta o diálogo como o modo escolhido hoje pela Igreja para exercitar a sua missão apostólica: "A missão pastoral como uma arte de espiritual comunicação". Cristo nos propõe aprender com Ele mesmo. No ensina com a estupenda Parábola da misericórdia:

"Quem de vós tendo cem ovelhas e perdendo uma, não deixa as noventa e nove e sai em busca daquela que se perdeu até encontrá-la? E encontrando-a a coloca sobre os ombros e todo feliz chama os amigos e vizinhos para fazer a festa?" (Lc 15).

Desde o início do 2º século, a imagem do bom Pastor que leva sobre os ombros ou traz nos braços a ovelha perdida está no centro da piedade cristã.

Os símbolos eram usados pelos cristãos como sinal de reconhecimento, expressão de fé, chamado ao amor de Cristo. Um testemunho de grande valor se encontra nas Catacumbas de São Calixto, primeiro cemitério oficial da comunidade cristã de Roma. Em cima da escada que leva às galerias subterrâneas está a imagem do Pastor bom /

belo, do Mestre / amigo: modelos teologicamente evocados pelas páginas da Sagrada Escritura, expressão de ternura, proteção, beleza, alegria.

Hoje mais do que nunca é necessário um diálogo fraterno, paciente, aberto. "É preciso fazer-se irmãos dos homens ao mesmo tempo em que desejamos ser pastores. O clima de diálogo é a amizade. Antes o serviço". (Ecclesiam Suam, 49).

O TEMA

A EDUCAÇÃO LÍQUIDA

Tiziana Filippini

Estresse, consumismo obsessivo, medo social e individual, cidade alienante, ligações frágeis e mutáveis: estes os termos usados por Zigmund Bauman, em seu livro recém publicado *Vida líquida* para descrever o mundo que nos circunda, no qual os jovens e as jovens viram a luz.
CEM Mondialità, uma revista de educação intercultural, faz a pergunta que interessa também a nós como educadoras: O que sentem os jovens que procuram construir o seu futuro num contexto social para nós adultos cheio de ânsia?

INSTABILIDADE

O festival de filosofia que aconteceu em Roma no mês de maio passado, teve como título INSTABILIDADE. Rita Vittori colaboradora do CEM Mondialità fez referência a ele. No artigo sobre qualidade educativa que parte das interrogações dos genitores e professores em relação aos problemas observados nas crianças e adolescentes, a autora descreve as características do nosso tempo: "è inegável a aceleração das mudanças no contexto econômico e social, está debaixo de nossos olhos todos os dias de forma sempre mais evidente: eles influenciam também as características da personalidade das novas gerações, que desenvolvem aqueles aspectos mais conformes a vivência numa sociedade acelerada, globalizada, multicultural**.** Como toda mudança, também a atual leva consigo instabilidade e precariedade em todos os setores, do profissional àquele pessoal e relacional".

EM NOSSOS TEMPOS...

Desde o início da história do mundo existiu a figura do *laudator temporis*, isto é quem louva somente o passado como um período onde tudo era melhor. Neste sentido a Vittori observa: “O nó está no fato de que os genitores e professores olham o mundo com os óculos de quem não percebe: o risco então é de endemoniar o existente, de julgá-lo como negativo porque confrontado com o passado, ou procurar assemelhar aos próprios filhos ou alunos como tentativa de seduzi-lo, isto é atraí-los para si. Muitos adultos erram na relação educativa: muitos pais não conseguem unir a afetividade com a autoridade na educação, muitos professores se lamentam que os alunos freqüentem a escola de modo passivo e muito desinteressado. Como adultos nos sentimos desambientados com a sensação de não compreender mais os eventos e nos deixamos levar pela frase: “Em nosso tempo era diferente...” ou “os alunos eram diferentes...”

Podemos então nos levar pelo desejo de fechar-nos em nossas categorias de juízo para sentir que estamos fazendo todo o possível ou devemos fazer uma posterior fadiga: interrogar-nos sobre quem temos diante de nós, observar as características e procurar colocar-se no lugar para compreender as novas necessidades”.

Produtos caídos?

Zigmundo Bauman, o sociólogo que há tempo fala de liquidez como característica da nossa sociedade afirma que tudo é precário, mutante, veloz. Não existe mais espaço para a demora. “Estamos em tempos nos quais as situações envolvem antes que os nossos modos de pensar e agir possam se transformar em hábitos e procedimentos”.

“Numa sociedade líquido-moderna tudo “envelhece” precocemente e os indivíduos não conseguem concretizar os resultados das suas ações em bens duráveis: em pouco tempo as atividades são levadas pelo trabalho e as competências tornam-se inutilizáveis”. Mas tudo isto o que significa na educação? O quadro de referência parece ofuscar-se enormemente, porque “as estratégias colocadas em ação para responder às novas exigências – observa a educadora – tornam-se obsoletas antes ainda que possam ser fixadas, aproximadas, transmitidas”.

Explode ainda a síndrome da data da validade. Aquela que controlamos sobre os produtos alimentares, sobre medicinas, aparece agora também sobre as escolhas didáticas, sobre as estratégias pedagógicas. Tem o temor de ser desconsiderada e parece que o único remédio seja aquele de correr sempre atrás de mudanças, para não ser eliminados pela luta da vida.

ESCUTA RECÍPROCA

Existe alguma coisa de diferente para fazer do que correr e adequar-se à liquidez. Segundo Rita Vittori e tantos outros que se empenham pela educação dos jovens é necessário a atenção, o cuidado, a escuta de quem nasceu já precário e instável: "As suas reações nos surpreendem, nos irritam, as vezes nos fazem nos sentir desconfortados.... mas quais possibilidades têm a disposição para continuar a estrada de referência constantes? No lugar de oscilar entre permissivismo e autoritarismo, entre sentido de culpa e sedução, podemos pensar num "dinâmico estar" onde a escuta recíproca possa se tornar refrigério para ambos? Podemos aprender deles o navegar entre as incertezas e eles aprenderem de nós o se tornar adultos? Mas quantos de nós conseguem amadurecer e ser adulto?

Uma análise também de grande fadiga que fazemos para compreender em que consiste este famoso ser adulto, num contexto que leva a permanecer sobre o palco cênico da vida sem envelhecer jamais, é devedora... no fundo somos todos ligados por fios sutis que tecem redes e relações tramadas e tecidas. Somos conscientes?

Que a educação é uma realidade coral e recíproca o sabemos há muito tempo. E hoje tal convicção é mais determinante por causa das forças desagregadoras e desestabilizadoras que encontramos em nosso caminho. Vale o princípio positivo da comunidade educadora, das redes de agências que realizam uma pedagogia do ambiente, típica do Sistema Preventivo, antídoto necessário para a fluidez nômade, construtora de casa, de família onde os valores consistem na inexaurível novidade da vida.

PEDAGOGIA DO AMBIENTE

O ambiente educativo no carisma salesiano se coloca como mediação entre os valores inspirados no evangelho e no contexto sócio-cultural. É um espaço, no qual as jovens e os jovens projetam a vida, experimentam a confiança e fazem experiência de grupo.

No estilo salesiano, a educação, é sobretudo, obra de uma pedagogia do ambiente, via privilegiada para a formação à responsabilidade social.

Das linhas orientadoras da missão educativa salesiana.

ESCREVER

ESCRITURA DA ESPERANÇA

Charles Péguy fala de três irmãs, as três virtudes teologais, fé, esperança e caridade, e diz que a esperança é a menor, porém a mais importante. "É aquela do meio – acrescenta – a ultrapassar as suas grandes irmãs. Sem ela, elas não seriam nada. Ela vê isto que ainda não é. Ela ama o que será. Hoje, falar e escrever sobre a esperança não é fácil, porque prevalece o desespero, a falta de sentido. Mas "a pequena esperança se carrega cada manhã. É ela que em todas as manhãs nos dá o bom dia". Escreveram sobre a esperança os dois grandes homens que apresentamos nesta assinatura.

Da prisão enviaram mensagens de paz, de alegria, de espera constante de novos céus e novas terras. Também a nós cabe olhar à realidade com olho transparente e perceber raios de luzes, não obstante as nuvens do engano, da violência, da indiferença. Também em nosso pequeno mundo, na realidade cotidiana que frequentemente se repete com os seus limites e as suas sombras, existe espaço para anotar sobre a nossa agenda os tímidos reflexos de um arco-íris.

PENSAMENTOS DA PRISÃO

Os escritos de Mons. Thuan, bispo vietnamita aprisionado durante 13 anos pelo regime comunista, chegaram no Ocidente clandestinamente, através de várias pessoas, todas vietnamitas, que fizeram parte do exército dos "boat people" aqueles barcas cheias de pessoas desesperadas fugindo a procura de um apoio. Enquanto o isolamento e as restrições se tornavam sempre mais estreitas, Mons. Thuan sentia a solidão pastoral pelo seu povo.

Decide escrever para confortar, fazer reflorescer a esperança nas cartas em que poderia descrever ordenadamente e amplamente o seu pensamento, nas breves e simples frases, sobre as pequenas folhas de um calendário. Cada manhã ele confiava estes folhetos a um menino do vilarejo que levava para casa e copiava sobre as folhas de um caderno. As palavras do bispo chegavam assim ao seu martirizado povo até os extremos confins da diáspora.

O cardeal Etchegaray, apresentando o livro onde eram recolhidos os pensamentos do bispo, escreve: "Darei o título de *Mil gotas do evangelho.* Deixa-se espalhar, pela manhã e à tarde. Exalam um verdadeiro perfume, como aqueles do Oriente que tem o seu segredo".

Nos longos anos de opressão passados no Cárcere, mons. Thuan continuamente reconheceu o *"rosto" de Jesus Crucificado* e abandonado. Foi este "rosto" que iluminou o vazio do ministério e da partilha de vida de

fé a que era obrigado a ficar; a sustentar a “imobilidade” e “suspensão a quem o seu coração de padre parecia condenado. Por isto anotava: “Coloca muitas vezes em teu coração e diz a ti mesmo: Deus vive comigo e em mim”. Pouco a pouco Deus te fará saborear daquela felicidade que vem da sua presença”. E ainda: “Por que os cristãos se lamentam de estarem sozinhos? Onde está o Deus deles?”

São mais de trinta os temas apresentados em seus breves escritos. Particularmente sugestivos são aqueles dedicados à alegria, que está sempre à porta da esperança, e que ele aconselhava aos cristãos, que como ele se encontravam no sofrimento: “Deveríamos estar sempre alegres. O caminho da esperança não admite peregrinos tristes. O caminho da esperança nos conduz à alegria”.

UM PEDAÇO DE PÃO

No dia 23 de novembro de 1978 o neo-eleito João Paulo II, numa carta aos Polacos, escreve ao Cardeal Stefan Wyszynski, que até sete dias antes era o seu superior: “Permita que te diga simplesmente o que penso. Não estaria sobre a cátedra de Pedro este Papa polaco que hoje cheio de temor de Deus, mas também de confiança, inicia um novo pontificado, se não fosse a tua fé, que jamais voltou atrás diante da prisão e do sofrimento; se não fosse a tua heróica esperança”. E próprio sobre a esperança foram anotados os pensamentos que este pastor e homem de oração possuía pela sua experiência pessoal e pelas prolongadas meditações diante de Deus. Do cárcere enviava este pedaço de pão aos cristãos do seu tempo, oprimidos pela ditadura comunista. Na dura realidade cotidiana, com os seus escritos, levava a “verdadeiros saltos na esperança”.

Dele se disse: “Não ignora os males, as injustiças, as tragédias, as contradições, os absurdos da vida, tudo o mais! Mas não dramatiza jamais. Não grita como Jó, mesmo como homem culto que é e sabe beníssimo que era a fé no mistério da justiça de Deus que levava o homem de UZ a “escandalizantes gritos de protesto”. E justificáveis. Ele acreditou como Abraão”. E como Abraão acreditou contra toda esperança.

COMO ABRAÃO

Setembro de 1953. O Cardeal Stefan Wyszynski, primado da Polônia, foi preso e mantido no cárcere durante três anos, acusado somente de ter defendido os direitos de Deus e do povo cristão contra o regime comunista do País. Privado de todo meio de comunicação confia com respeito recíproco nos pobres” para escrever o seu anúncio de esperança:

Devemos interiormente dispor-nos à justiça, à indulgência. Não mostrar jamais os punhos fechados; mostrar somente os braços abertos. Olhem uns aos outros com dóceis olhos de cordeiro, não com olhares de lobos!...

Temos o direito de defender-nos das injustiças, mas não devemos trocar uma injustiça com uma outra injustiça.

Não existem situações nas quais o amor não tenha ainda alguma coisa para dizer.
Quando o ódio criou os campos de extermínio, até lá o amor conseguiu cultivar flores.

Se amassemos os nossos irmãos deveríamos dar muito de nós mesmos, até partilhar com eles o nosso prato de sopa. Em tal caso deveríamos comer lentamente, especialmente se o outro comer depressa.

Nas portas do céu não nos será perguntado: “O que fizeste?” – mas somente: “Como amaste?”.

“Observais Cristo na cruz” Não obstante o clamor que existe sobre o Calvário, ele pode falar com seu Pai. Faleis com Deus nos momentos assim difíceis: esta é a autentica perfeição!

Deus fala a cada um e a cada um tem muito a dizer mesmo se si tratar de um pobre homem, de um infeliz, que afunda em sua pequena e miserável vida... Deus nos está mais próximo do que pensamos. Em geral nós o procuramos muito distante.

A vitória que dá razão ao mundo é a nossa fé. O ódio não venceu, não vencerá jamais definitivamente. O fio esticado atravessado pela corrente elétrica dos campos de concentração se enferruja; as torres dos guardas se tornam pó, as barracas caem; os fornos são destruídos, mas a fé na vida e na ressurreição permanece...

O FIO DE ARIADNE

MÃE E FILHAS

Giuseppina Teruggi

No dia 30 de novembro de 1880 Maria Domingas Mazzarello escreveu uma carta às irmãs da comunidade de Melazzo, cidade um pouco distante de Nizza para os augúrios por ocasião da festa da Imaculada. A Madre orienta as Irmãs para viverem este evento com a consciência de serem "Filhas de Maria" e as exorta a tornar concreta a própria devoção nas expressões do cotidiano. "Coloquemos-nos todas com empenho em exercitar-nos na verdadeira humildade e caridade – escreve- suportando os nossos defeitos reciprocamente e exercitando-nos mais nas obras de piedade, fazendo com fervor as nossas Comunhões e oração e praticando os nossos santos votos de pobreza, castidade e obediência. Se fizermos assim, acreditem minhas boas filhas que Nossa Senhora ficará contente de vós" (Lc 52).

DO INTIMISMO AO RELACIONAMENTO FILIAL.

Na Igreja e entre as pessoas nós somos conhecidas como Filhas de Maria Auxiliadora. Assim Dom Bosco quis chamar-nos. "Maria é nossa Mãe!", repetia com entusiasmo Maria Mazzarello.

O conceito de maternidade expressa uma relação muito singular entre mãe e filho. Nesta relação está ligada a vida em seu nascimento e em seu desenvolvimento físico, psíquico, ético, espiritual. Com a maternidade a mãe acolhe e doa: tal relação de reciprocidade cria uma ligação de amor-dom do qual nascem direitos e deveres entre mãe e filhos. De fato, é dom para o filho a vida que recebe pela mãe, assim como para a mãe é dom aquele filho cuja vida lhe foi confiada consentindo em gerar. A maternidade, no projeto de Deus, é expressão dessa relação amor-dom.

Maria de Nazareth é Mãe de Jesus e de toda a humanidade também neste sentido. É nossa mãe não para necessidades infantis que nós podemos ter da mãe. Maria é nossa mãe porque, vivendo como mãe o seu particular relacionamento com Jesus, somente o pode viver partilhando plenamente a sua missão para nós.

Na vida do Instituto esta relação é fortemente presente desde as origens. A espiritualidade mariana, que orienta o nosso espelhar-se em Maria para viver em profundidade a vocação evangélica, impregnou a existência de gerações de irmãs que viveram e testemunharam uma relação filial não reduzida ao intimismo. Em nossa tradição salesiana, nós olhamos Maria como Mãe e Educadora. Por isto de geração em geração nas FMA e

nas comunidades educativas continua “A coragem de educar na escola de Maria”, segundo a feliz expressão do Congresso Internacional “Eu te darei a Mestra” realizado em Roma em dezembro de 2004.

“Educar na escola de Maria – recordou a Madre, Antonia Colombo no início do Congresso – requer a recuperação daquela maternidade integral que não se completa na tarefa de geração dos filhos, mas continua no processo de humanização mediante a educação. Educar implica uma relação educativa que encontra o seu protótipo na relação mãe – filho: desta primeira e fundamental relação se desenvolvem a confiança na vida e a própria visão do universo. Mãe, então, é aquela que gera e educa. Assim foi Maria em relação ao filho excepcional que a fé a fez acolher em seu seio; e continua a ser, na fé, para os irmãos e as irmãs que Jesus lhe confiou na cruz” (Atos do Congresso 28-29).

IDENTIDADE DE FILHAS E CONFIANÇA.

O relacionamento filial conduz consequentemente a uma relação de confiança. O gesto de confiança em Maria é ininterrupto na história da Igreja desde às origens. É o próprio Deus que “se confiou à Virgem de Nazareth doando-lhe o próprio Filho no mistério da encarnação” (Redemptoris Mater 39). Jesus nos pés da cruz confiou João a Maria e Maria a João. Introduziu uma série de reciprocidade que é típica do relacionamento mãe-filho. “Mulher eis o teu filho!”... “Eis tua mãe!” (Jo 19, 26 – 27). Do evangelista João até nós, o *“levar Maria para casa”* teve expressões intensas e muito concretas. Tornou-se uma atitude que recolhe toda a vida numa doação sem descontos, que se faz experiência de fé e de abandono na confiança. O *Totus Tuus* de João Paulo II é uma expressão emblemática, testemunhada pelo sussurro que acompanhou o ancião Pontífice até o último momento da sua vida na terra. Revelou que quem vive na confiança mostra ter descoberto que esta experiência de fé / amor é essencial para a estruturação da identidade cristã, além de toda ilusão de auto referencial. Pelo contrário quem não aprendeu a confiar, não chega à plenitude humana e espiritual, porque não é capaz de verdadeira relação.

Em relação a Maria, ao longo da história a experiência de doar-se, de confiar ensinou e ensina ainda a crescer de modo pleno, fazendo-se dom pela relação com os outros e com o Outro, ensina a experimentar o primado do amor que liberta da centralização do *Eu* e abre ao *Tu* e ao *nós* para dilatar a relação da grande humanidade.

Em abril de 2005 a Madre escreveu uma carta (C 866) na qual sublinha o sentido e a força da confiança em Maria que em cada dia temos a oportunidade de renovar com uma fórmula de oração que une em comunhão todas as FMA.

Na oração de confiança nos dirigimos a Maria para pedir-lhe alguns dons.

Acolher a Palavra. Em sua vida Maria aprendeu a ser discípula do filho. Para nós é convite a acolher a Palavra, mesmo quando não a compreendemos, ou superar as nossas previsões e pede o êxodo dos hábitos e segurança e nos expropria das nossas convicções e pede um modo mais evangélico de ver e de avaliar, ou exige aceitar o mistério do sofrimento.

Testemunhá-la no serviço, para nós, na missão educativa. O dom recebido pede para ser comunicado aos outros na gratuidade. A atitude do serviço feito de prontidão, de atenção e de gestos concretos foi o que Maria viveu em suas escolhas cotidianas. É este testemunho pedido a nós.

Agir em comunhão. A confiança é apelo a deixar-nos penetrar pelo Espírito; convite a nos deixar acompanhar por Maria para viver numa comunhão mais intensa com Jesus e transmiti-lo nos relacionamentos novos e construtivos com cada pessoa, na comunidade educativa, na Família salesiana, na realidade eclesial e social.

ATUAR O INÉDITO DA EXISTÊNCIA DE MARIA.

A vida de Maria, assim como aparece pelas páginas do evangelho, manifesta um modo de ser, por tantos aspectos, inédito no contexto da cultura hebraica do tempo. Inédito é o relacionamento com o Filho, do qual é *discípula*, porque na escuta a Palavra inaugura um modo novo de ser crente, e testemunha porque transmite e, em certo sentido, gera à fé a primeira Igreja.

Enquanto cumpria o tempo para tomar cuidado do filho alimentando-o até o fim da vida, Maria recebia dele uma oferta inédita de vida: ser mãe, isto é *tomar cuidado e sustentar a comunidade dos crentes*. Este evento marca realmente uma *hora* (no sentido Joanino), o cumprimento isto é de um percurso não comum da aventura humana.

É inédito, em relação ao seu tempo, que João a tenha tomado entre as “suas coisas”. Na cultura hebraica, de fato, era prescrito que a mulher que ficasse sozinha fosse morar com o filho mais velho ou com o parente masculino mais ancião, ficando no interior da própria família. Também hoje, a tradição hebraica mais rigorosa dificilmente compreenderia uma escolha deferente. Não sabemos como o contexto tenha recebido o modo de agir de Maria: certamente a sua foi uma decisão de liberdade e de novidade. A escritura descreve também um outro evento que demonstra esta linha inovadora em relação aos modelos tradicionais: o *recolher-se* ao redor da lei dos crentes, medrosos e espantados no cenáculo. A reunião de oração fala do modelo próprio da sinagoga, que é presidida por uma mulher da qual, todavia, não vem divulgada nenhuma palavra, quase sublinhando a força da presença.

Também nós pelo fato de sermos filhas, somos chamadas – como se lê no *Projeto formativo* – "a encontrar na genealogia de mulheres que atuam no cotidiano do terceiro milênio o inédito da existência de Maria. Muitas palavras e muitos eventos da sua vida não foram escritos para que pudesse ser descobertos e atualizados no tempo. A vida de Maria não é, de fato, qualquer coisa de estático realizado uma vez por todas, mas uma realidade que flui e se envereda na existência do Filho" (PF pág. 31).

Em situações de conflito, de violência, de injustiça, de ódio que gera guerra e morte (como no Oriente Médio e em muitas partes do mundo) hoje Maria é presença através do dom solidário de muitas pessoas, de muitas mulheres e FMA que contribuem para levar paz, perdão, auxílio concreto.

Com Maria, missionária, educadora e companheira de caminho, vivemos a pedagogia do *tomar cuidado* que se torna cada dia solicitude pelos outros, acompanhamento recíproco, intrapendência em defender e promover a vida no serviço educativo e social.

Com Maria, Imaculada Auxiliadora

Artigo 44 das Constituições.

Maria, mãe e educadora.

No itinerário de fé Maria é discípula e mãe, educadora e companheira de viagem. Nela a natureza humana atinge o culme de perfeição e de beleza, indicando a cada homem e a cada mulher a meta para se atingir. Fazer a experiência de Maria significa tomá-la na própria existência para deixar que seja ela a guiar-nos em direção ao encontro vital com Jesus seu Filho.

Maria de Nazareth, a criatura humana mais configurada a Cristo, nos ensina a contemplar o rosto do filho, a ser discípula d'Ele na peregrinação da fé que acompanha a existência inteira e desemboca na vida plena. Na tradição salesiana, Maria é particularmente reconhecida como Auxiliadora e Imaculada.

Linhas orientadoras da missão educativa das FMA 96.

MUNDO DOS JOVENS

ESTADOS UNIDOS E A VOZ DOS JOVENS

Cristina Merli e Louise Pássaro

Quais são os três valores mais importantes para ti? Quais os objetivos que tens? Qual a tarefa que um jovem tem na sociedade? Sentes-te responsável pela sociedade em que vives? Quais são os teus medos em relação ao mundo? Que valor tem a fé em tua vida?

São algumas das perguntas que um grupo de jovens elaborou para que outros jovens pudessem falar das suas experiências. Jovens que entrevistam outros jovens. Não para oferecer aos estudiosos materiais para uma análise sociológica não para descrever uma geração, mas, simplesmente para "falar". E para escutar.
Neste número damos voz aos jovens do Sul da África. Ir. Rossella Raspanti colheu a voz deles.

Quais são os três valores mais importantes para ti?
Honestidade, inocência, confiança.

De que modo procuras viver estes valores?
Colocando-os em primeiro lugar em minha vida, procurando ser verdadeira.

O que te causa medo na sociedade de hoje?
O fato que estão roubando a inocência das crianças. Tenho medo de que depois não tenham lembranças de felicidade, beleza e alegria.

Jennifer 17 anos.

Quais são os objetivos que gostarias de alcançar?
Completar os estudos universitários, me tornar uma enfermeira especializada. Quero ter uma família e viver numa casa minha.

Desirre, 21 anos.

Dar tudo o que sou em benefício dos outros. Sei que isto pode me tornar feliz.

Jessica 17 anos.

Viver uma vida feliz sem lamentações. Viver do melhor modo a todo instante. Não tenho um verdadeiro e próprio projeto. Não quero perder nada do instante que vivo esperando alguma coisa que possa talvez chegar no futuro.

Katherine 21 anos.

Segundo tu que tarefa os jovens têm na sociedade de hoje?

Devem procurar crescer e serem positivos. Para dar também o bom exemplo.

Verônica 21 anos.

São o fundamento e o futuro da sociedade. Eles podem mostrar o que deveriam fazer e porque as mudanças são necessárias.

Katherine 21 anos.

Acreditas que tens algumas responsabilidades na sociedade de hoje?

Certamente porque sinto que com a minha vida tenho a possibilidade de dar uma contribuição que pode ser positiva ou negativa.

Verônica 21 anos.

Sim, a minha responsabilidade na sociedade de hoje é de projetar a minha vida de fé a serviço dos outros, sejam meus companheiros como os adultos.

Brigitte 18 anos.

Qual a importância da fé em tua vida?

Influi nas minhas decisões

Mateus 13 anos

A fé determina o que sou e como ajo. Ajuda-me quando tenho medo, me sustenta quando tenho necessidade. Nada serei sem a fé.

Jéssica 17 anos.

Pensa que és de qualquer modo influenciada pelos outros jovens?

De algum modo, porém desde pequena me ensinaram a ser fiel e coerente comigo mesma e tomar as minhas decisões sozinhas. Por isto não me deixo influenciar facilmente pelos outros.

Certamente, mas positivamente. Às vezes os jovens sabem ser verdadeiramente sábios não obstante as idades, com clareza sabem ler a realidade e sabem falar de modo claro.

Brigitte 18 anos.

A OUTRA ECONOMIA

POUCO DINHEIRO. GRANDE ESPERANÇA

Julia Arciniegas

No contexto da reflexão sobre economia alternativa, nos parece interessante repensar em algumas propostas e experiências em ação nos vários contextos continentais, no qual o dinheiro foi substituído pela confiança e a solidariedade.

Uma economia sem dinheiro falaria de um sonho de um personagem existente só nas histórias de fadas. Porém em 2004 existiram mais de 465 experiências deste tipo, além de 4.000 comunidades presentes nos 54 países do mundo. Pequenos grupos de 50 pessoas na Austrália, vilarejos com algumas centenas de habitantes no Senegal ou prefeituras com 10 milhões de indivíduos no Japão.

ALÉM DO DINHEIRO

Estes dados tirados do livro de Mauricio Pittau, *Economia sem dinheiro*, reeditado em 2005 depois de um vasto sucesso, alargam o horizonte econômico além do dinheiro. Em nosso tempo, mais do nunca, parece impossível acreditar que se possa viver sem dinheiro. Hoje tudo, ou quase tudo, é dinheiro, tudo depende do dinheiro, tudo se remete ao dinheiro. Ele determina os hábitos de vida tornando-se não com pouca freqüência o principal objetivo de todas as atividades.

Os sistemas de troca não monetário na economia de mercado não se propõem um improvável futuro arriscado da moeda, mas uma oportuna integração da busca de soluções novas e alternativas, aos graves problemas que afligem a maioria empobrecida dos habitantes do nosso planeta. As economias que fazem do dinheiro são complementares, e não substituídas, nos sistemas monetários tradicionais. Não pretendem o retorno de uma economia pré-moderna, mas busca contrastar com a lógica individualista dando espaço aquela de reciprocidade, com o objetivo de favorecer dinâmicas de socialização e de cooperação.

Nos sistemas de troca não monetárias os aderentes, sobre base voluntária, se trocam bens e serviços sem intermédio de dinheiro, segundo uma relação de reciprocidade. Geralmente o dinheiro institucional é substituído com moedas particulares ou com o tempo. O objetivo último é procurar o bem estar social e individual através das relações interpessoais, mas do que com o consumo de bens.

As várias experiências presentes no Norte e no Sul do mundo têm algumas características comuns. São solidárias, porque as moedas são colocadas e estampadas pro conta de todos os membros da comunidade no momento em estes tenham necessidade. Circulam todas em áreas geográficas limitadas e não competem com o dinheiro oficial, dado que são utilizados para a aquisição local, enquanto o valor nacional vale por todas as outras aquisições. Além destes sistemas monetários agirem legalmente em alguns casos, como no Brasil, gozam do apoio governativo, porque protegem as economias nacionais pelas políticas de colonização econômica das grandes potências mundiais.

UMA TROCA HUMANIZANTE

As economias sem dinheiro ativam o dom, a confiança e o altruísmo. Promovem uma mudança fundamentada sobre o conceito de dom, seja econômico como solidário. Econômico, porque baseado sobre o reconhecimento formalizado do valor intrínseco das prestações e das possibilidades ofertadas e recebidas; solidária porque um ato de dar que admite a possibilidade de receber e concede ao menos a oportunidade de restituir é um ato de verdadeira relação. Dar, receber, restituir, são gestos que não somente permitem satisfazer as necessidades, mas que ajudam a abater os isolamentos e as exclusões.

Na ausência do dinheiro cresce a confiança. Foi demonstrado por algumas pesquisas recentes como ao lado da racionalidade que fundamenta o ato de confiança, existem outros elementos que a teoria econômica clássica não tem jamais levado em consideração, como a reciprocidade, a generosidade, a colaboração e muitos outros valores. A contribuição do altruísmo no campo econômico é também evidenciado pelo fato de que a qualidade dos relacionamentos interpessoais mudam quando se inserem sujeitos generosos no interior de um âmbito social.

Em síntese, estes sistemas almejam fazer retornar a economia um instrumento de bem estar partilhado, mais do que um mecanismo para enriquecer algumas minorias. Graças a estas, muitas pessoas conseguem sobreviver, muitas sociedades se mantém unidas e podem conservar ao menos em partes as suas culturas.

As numerosas experiências em ação não somente reavivam a nossa esperança num futuro melhor para todos, mas nos estimulam a encontrar em nosso cotidiano muitos modos de viver a troca de dons e de talentos. Algumas interrogações no ajudam a libertar a nossa criatividade e a empenharmo-nos sempre mais.

O que sei fazer que tu ainda não saibas e que gostarias de aprender? Quais trabalhos podemos trocar para tornar mais estreita a nossa colaboração e mais agradável a nossa proximidade? Que passos dar para educar e educar-nos ao dom recíproco, à confiança, à partilha de bens e de saberes?

O testemunho de Mauricio Pittau nos ajuda a colher a concretude destas experiências, levada por quem quer fazer da vida um dom e abrir as janelas da esperança.

"Durante os meus estudos em economia fiz o serviço civil como aquisição de consciência. Para evitar fazer pequenas comissões e fotocópias por um ano perguntei ao meu tutor se era possível empregar-me em outras atividades. Tive carta branca e decidi abrir e coordenar um sistema de troca não monetário que tinha lido alguma coisa em alguns jornais.

Ofereci assistência informática e recebi bens e serviços de vários tipos como lição de esculpir na madeira, tortas de frutas ou lavagem do meu carro. Através destas trocas não monetárias tive também um saxofonista e um violonista que tocaram em minha festa de formatura! Alguns anos depois fui viver na Inglaterra e para conhecer os meus novos concidadãos me inscrevi no LETs (Local Exchange Trading System), uma economia sem dinheiro muito difundida no Reino Unido. Eu oferecia cursos de italiano e recebia serviços dos melhores membros (massagens indianas, passar roupas, guias de bird watching, motorista de carro, etc). Deste modo consegui em pouco tempo ser acolhido de modo hospitaleiro na comunidade em que vivi.

Basta pouco para construir um sistema de troca não monetário. É suficiente um computador, a publicação de um boletim informativo sobre aquilo que se oferece e sobre o que se procura reuniões fraternas periódicas, um número de sócios (que não deve ser excessivo), um valor para cada sócio para indicar o "dar" e o "ter" e uma moeda complementar para quem inventar nomes e formas".

VOZES DE MULHERES

O SABOR DA ESPERANÇA

Mara Borsi

Kinama, periferia de Bujumbura (Burundi é um quarteirão como muitos outros que testemunham pela atitude dos africanos à resilienza. Uma zona onde a esperança de vida deve se renovar cada manhã. Um lugar onde se misturam os flagelos do continente africano: pobreza e Aids.

Com o seus 6 milhões e meio de habitantes o Burundi é uma das cidades mais infectada: 40 mil de morte ao ano, uma taxa de soropositivos de 11%.

Nelson Mandela, homem símbolo do continente, declarou muitas vezes que a luta contra a AIDS na África tornou-se uma verdadeira e própria guerra.

Jeanne Gapya iniciou a sua luta pessoal contra a "doença da moda" (assim é chamada a doença da AIDS em algumas cidades) quando a sua belíssima criança começou a emagrecer. Antes do parto o marido soube que a pessoa com quem era noivo antes de encontrar Jeanne morreu de AIDS e isto o preocupou muito, mas depois esqueceu até quando o belíssimo menino nasceu e com apenas 6 meses foi levado para o hospital. Depois de alguns dias teve a terrível sentença: "Vosso filho tem AIDS".

Iniciou o calvário de Jeanne Gapya, ex-jogadora do nacional de basquete de Burundi, que viu primeiro o seu menino morrer e depois o marido. Em 1993, junto a outras quatro pessoas soro positivas, Jeanne criou o ANSS, uma associação que se propõe de prevenir o contágio através de programas informativos e sustentar quem foi atingido pela doença. Por causa do isolamento e da ignorância a associação demora a ser conhecida. A virada chega em 1995, por ocasião da jornada mundial de luta contra a AIDS, Jeanne Gapya, durante a celebração na Catedral de Bujumbura, chegando o momento das preces faz uma oração em favor dos doentes. O gesto teve uma notável ressonância e pouco a pouco a sua associação foi convidada a organizar reuniões informativas nas escolas e em outras Instituições.

Em 1999 a ANSS com o sustento de algumas associações européias abre o centro de cuidado Turiho onde se oferece cuidado global: identificação da doença, sustento psicológico e social, formação de ética.

Entre as pessoas que recorrem ao centro para se tratar estão mais mulheres do que homens. Não somente porque são mais expostas ao contágio, mas sobretudo porque são conscientes – e o centro as ajuda a sê-lo ainda mais – do que isto significa para os outros.

Jeanne hoje continua o seu empenho, casou-se de novo e é mãe de duas meninas. A sua vida constitui uma esperança para muitíssimos soros positivos do mundo inteiro.

HISTÓRIAS

Nadine Gordimer, escritora sul africana, dedicou a própria vida à literatura e à luta contra o apartheid. Em 1991 foi-lhe concedido o prêmio Nobel de literatura. *Histórias* é o título da antologia de histórias por ela idealizada para sustentar a *Treatment Action Campaign* uma organização que ajuda os doentes de AIDS. O livro recolhe 20 histórias de escritores contemporâneos particularmente amados pelo público. Entre esses estão os cinco vencedores do Prêmio Nobel para a literatura.

Nadin Gordimer na introdução do livro escreve: "Decidimos oferecer as nossas capacidades, como narradores e como editores, para contribuir do nosso modo para combater esta doença da qual nenhuma cidade, nenhuma pessoa pode dizer fazê-lo. Os direitos dos autores e os lucros conseguidos em todo mundo pela venda das Histórias servirão para financiar programas de educação preventiva contra a AIDS e os cuidados necessários pelas pessoas atingidas por esta infecção que tanto sofrimento cria no mundo de hoje".

As histórias não falam da AIDS, mas celebram aquela vida negada a quem é atingido pela doença e abraçam a gama inteira das emoções e das situações humanas: tragédia, comédia, fantasia, sátira, amor, em diversos continentes e culturas.

Recentemente o conselho de segurança da ONU declarou que "A AIDS constitui uma ameaça para a estabilidade política da África. As associações femininas africanas recordam constantemente que para cuidar juntamente dos doentes da AIDS e de soros positivos do mundo bastariam dez mil dólares por ano. Esta cifra representa o 1% do imposto gasto em armamentos em todo o planeta.

Uma simples escolha e de vontade política... recordam as mulheres".

AS CASAS DA ESPERANÇA

Ir. Brigit Marie Therese Mewoulou trabalha entre os órfãos e os doentes de AIDS de Camerum. Com a sua ajuda fundou os Centros de Acolhida e de Esperança, a primeira ONG na história da Cidade. Entrou em contato com os problemas causados pela AIDS quando era diretora do Colégio Christi de Obout e teve que enfrentar o problema dos alunos que

não podiam sustentar as despesas da escola. No lugar de mandá-los embora, foi aos vilarejos durante os fins de semana para compreender as suas situações. Alguns pais não podiam mais sustentar economicamente as necessidades dos filhos porque eram doentes de AIDS e não trabalhavam mais. Neste contexto conheceu a AIDS. Nasceu assim nela a determinação de fazer alguma coisa. Em 1990 uma viagem em Uganda onde a AIDS fazia muitas vítimas, lhe deu um melhor conhecimento do problema e, sobretudo viu como outras religiosas se ocupavam dos órfãos. Isto a levou a empenhar-se em sua cidade.

"As pessoas não sabem como se transmitem a doença e como evitar o contágio" – declara Ir. Brigit – por isto um dos objetivos principais da nossa ONG desde o nascimento é aquele de formar casais educadores para sensibilizar as populações vulneráveis e pobres. Ensinamos os detalhes não somente desta doença, mas também das outras sexualmente transmissíveis. Certamente uma boa educação resolve muitos problemas, porque a gente compreende o sentido do controle voluntário e a aceita de bom ânimo. Nós introduzimos, nesta educação, uma contribuição nova através *"da conversação comunitária"*, que consiste não em dar às pessoas as respostas já prontas, mas em discutir com elas os problemas e juntas encontrar soluções. "Devo dizer que desde então conseguimos resultados satisfatórios".

É VIDA

EMPENHO MISSIONÁRIO EM FAVOR DA FAMÍLIA.

Anna Rita Cristaino

O encontro Mundial das Famílias que aconteceu em Valencia na primeira semana de julho reuniu centenas de famílias dos cinco continentes para rezar, dialogar, aprender, partilhar e aprofundar a compreensão da tarefa da família cristã como Igreja doméstica e unidade de base da evangelização.

Momento muito importante deste encontro foi certamente a visita do Papa. Bento XVI. Chegou sábado no dia 8 de julho e permaneceu até o dia seguinte, celebrando a Santa Missa diante de milhares de fiéis.

Em seu discurso o Papa usou tons conciliares procurando fazer compreender ao mundo que a Igreja quer dialogar também com os leigos sobre temas importantes em relação ao futuro da humanidade.

Já durante o discurso de abertura do congresso eclesial da diocese de Roma sobre a família em junho de 2005, Bento XVI afirmou a importância do empenho missionário da Igreja em favor da família "não somente porque esta fundamental realidade humana hoje é submissa a múltiplas dificuldades e ameaças e por isto tem particular necessidade de ser evangelizada e concretamente sustentada, mas também porque as famílias cristãs constituem uma possibilidade decisiva para a educação da fé, a edificação da igreja como comunhão e a sua capacidade de presença missionária nas mais diversas situações de vida, além de fermentar em sentido cristão a cultura difundida e as estruturas sociais. (...) O sim pessoal e recíproco do homem e da mulher reabre o espaço para o futuro, para a autêntica humanidade de cada um, e ao mesmo tempo é destinado ao dom de uma nova vida".

No discurso de Valência o Santo Padre sublinhou ainda uma vez que "a família é o âmbito privilegiado onde cada pessoa aprende a dar e receber amor. Por este motivo a igreja manifesta constantemente a sua solicitude pastoral neste âmbito fundamental da pessoa humana. Nada pode supri-la totalmente".

Continua ainda o Papa "A família é um bem necessário para o povo, um fundamento indispensável para a sociedade e um grande tesouro dos esposos durante as suas vidas é um bem insubstituível para os filhos que devem ser fruto do amor, da doação total e generosa dos pais".

Outro ponto fundamental do seu discurso é o que sustenta que "juntamente à transmissão da fé e do amor do Senhor, uma das maiores tarefas da família é aquela de formar pessoas livres e responsáveis".

"Deus se serviu do caminho do amor para revelar o mistério da sua vida trinitária. Além disso, o relacionamento estreito que existe entre a imagem de Deus Amor e o amor exclusivo e definitivo torna-se o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo e vice versa: o modo de amar de Deus torna-se a medida do amor humano".

(Deus Caritas Est).

DIREITO DE ACESSO

DIREITO DE ACESSO A PARTICIPAR.

Comunicar é participar,
Sentir-se parte, entrar no jogo.
É o outro nome da coordenação para a comunhão,
Simplesmente "me interessa" o verdadeiro espírito de família.

Construir a comunidade é tarefa de todos. Mas talvez alguma vez nos esquecemos do peso e o empenho que comporta. No *instrumentum laboris* do Sínodo especial para a Europa, se propõe uma comunidade cristã caracterizada por relacionamentos amigáveis, de co-responsabilidade e participação, com uma cultura da reciprocidade. Também o nosso Projeto Formativo, na terceira parte dedicada à coordenação para a comunhão insiste sobre a tarefa de cada uma em criar e participar desta realidade. Em todas as idades porque a participação jamais entra de férias.

JAMAIS É TEMPO DE SE APOSENTAR.

Para participar existe sempre tempo. Seja para quem tem mais idade, seja para as jovens.
Jamais devemos ficar aposentadas. Todavia, algumas vezes se nota como algumas irmãs vivem a missão no serviço e na disponibilidade em dar e receber, em dialogar e em confrontarem-se, outras pelo contrário têm todo o ar de "*ter abdicado do dizer e do fazer",* escolhendo voluntariamente "morar na periferia". A comunicação é participação, é ser e deixar traços de si.

Existe espaço e tempo para continuar e ser ativamente presente na comunidade, para manter contatos, oferecer o testemunho de pessoas que

não cessam de dar-se com amor para apressar o surgimento do reino de Deus, para crescer no espírito, acolher os pequenos e os pobres, os imigrantes e quem está sozinho, sem confiança, para estar atentas às famílias, aos pais e aos professores que freqüentam as casas, as escolas, os oratórios, os centros...

Os nossos calendários estão assim cheios de empenhos, com coisa para fazer, que às vezes deixam de lado aquilo que é mais importante para construir comunidade, isto é a participação e a diaconia comunitária.

É no sentir-se parte que se superam os conflitos, nossos e dos outros, que nos coloca em prontidão para dar e receber escuta e diálogo, que se experimenta a firmeza em defender os direitos da comunidade.

Na base do ser, do serviço comunitário, está o que se lê no documento *A vida fraterna em comunidade*: *"Sente-se a necessidade de uma comunicação mais intensa entre os religiosos de uma mesma comunidade (...). Em algumas comunidades lamenta-se sobre a pouca qualidade da fundamental comunicação dos bens espirituais: comunica-se sobre temas e problemas, mas raramente se partilha o que é vital e central no caminho da consagração"*.

Devemos nos confrontar, porque o diálogo comunitário está na base de uma boa coordenação, da participação no projeto em sua complexidade. Não podemos nos contentar em interferir em pedaços do mosaico sem conhecer o desenho completo. Não se age ao redor das pequenas iniciativas sem conhecer as motivações de fundo.

A participação gera responsabilidade e abre espaços de intervenção: nas comunidades onde cada uma conhece bem o seu lugar e o desempenha juntamente com as tarefas comuns, a vida escorre mais harmônica e ágil.

A igreja Italiana está se preparando para o IV Congresso Eclesial de Verona. Este importante encontro tem um título significativo: "Testemunhas de Jesus Ressuscitado, esperança do mundo. Participar significa então colocar de lado o desencorajamento, a desilusão, o pessimismo, a crítica fina, e pelo contrário, colocar no clima comunitário alegria e otimismo, de sadio realismo e de crítica construtiva, de um pouco de humor, uma ventania de alegria, um estilo de dramatização... Se os jovens colhem em nós o perfume da alegria do Reino então continuaremos até o fundo e suscitaremos novas vocações".

UMA REDE DE NÓS

O processo de transformação ao qual assistimos rapidíssimo, nos chama a crescer e a escolher estarmos presentes também na Internet. É um dever, porque nos ambientes da rede se consume e se vive muito do tempo e das ações cotidianas dos homens e das mulheres, dos jovens e dos

adolescentes em qualquer latitude e meridiano. Internet é espaço para partilhar, interagir à distância, dialogar e discutir ao redor de temas de comum interesse.

O cyber espaço é sinônimo de comunidade, de lugares nos quais se torna participes das próprias idéias e emoções. A comunicação chega lá onde as pessoas com o seu comunicar, com entrelaçamento de pensamentos e de sentimentos criam além do físico da Rede uma outra rede duplamente virtual.

Certamente é necessária uma participação com um acompanhamento inteligente e personalizado. É preciso mapas seguros, de educar-nos à responsabilidade e à pesquisa. E aqui pode nascer o *"espaço comunitário"* do encontro e da recíproca aprendizagem entre irmãs anciãs e mais jovens.

A difusão maciça das novas tecnologias implica o repensar a organização de muitas ocasiões sociais: hoje podemos fazer sentir a nossa opinião, expressar a nossa presença através das sondagens, as campanhas, as atividades, as iniciativas que vivem e se multiplicam sobre a Internet. São muitos os site em cada cidade que oferecem espaços para intervenção em defesa dos pobres, dos jovens, dos últimos.

A participação em Rede nos chama à responsabilidade e reciprocidade, enquanto nos habilita a reforçar a capacidade de abertura ao outro, a sermos críticos e livres. O estar conectado, *"colegados"*, superando os vínculos do espaço e do tempo, torna-se uma partilha para reforçar a beleza do encontro, a maravilha e o estupor da relação interpessoal; o saber comunicar porque somente quem jamais está conectado ou o fez poucas vezes admite a possibilidade da rede anular os relacionamentos humanos.

Maria Antonia Chinello

CAMINHO LIVRE!

Estratégia relacional: a coordenação obedece a um estilo comunicativo circular. Privilegiam-se a participação e a subsidiariedade; o modelo mais adaptado é aquele circular e de redes onde todos interagem como pessoas, além da tarefa e do trabalho específico.

Portanto, mesmo quem estiver livre das obrigações da animação pode dar uma grande contribuição através da comunhão cotidiana, como a atenção às irmãs e aos leigos, que permite um encontro fecundo. Certamente, como está escrito no Projeto Formativo, tudo o que exige uma mentalidade de troca, que vê na relação de reciprocidade a expressão de uma cultura evangélica e profundamente humanizante.

Da correção à promoção: para construir a ponte da participação é assumido um empenho consciente de promoção fraterna. Dar confiança e criar possibilidade. Ao lado da correção fraterna é ainda mais eficaz o reforço positivo, mesmo publico, quando é possível, de qualquer que seja feita bem. Perceber as pequenas atenções, as humildes intervenções, especialmente das irmãs mais marginalizadas, é um toque que levanta o nível de participação comunitária. Trata-se de chegar com a arcada da nossa ponte até reconhecer a outra e dar-lhe um nome positivo.

Graziella Curti

CAMILA

SER "FILHAS" DE MARIA AUXILIADORA.

Talvez hoje reflitamos pouco. Ou damos por descontado. Se por acaso qualquer surge uma pergunta, respondemos sem hesitar, mas também sem pensar, que somos FILHAS DE MARIA AUXILIADORA!
Mas se pensarmos de verdade...

Façamos agora através dos artigos 4 e 44 das constituições. Aqueles dedicados a Maria. A primeira consideração que nasce em mim é que ser filha quer dizer antes de tudo assemelhar-se. É difícil de fato encontrar uma filha que não tenha herdado nada da mãe! Ao menos uma particularidade, que são os olhos, as mãos, o modo de gesticular ou caminhar... um aspecto do caráter da mãe, uma filha tem! E nós? Em que nos parecemos com Maria? Talvez alguma na humildade, porque ama os últimos lugares (talvez para passar despercebida e controlar com um golpe de olhar quem está ou não está...), alguma porque corre como Maria a Izabel (com a diferença de que Maria corre para ajudar, invés entre nós existe quem corre... e basta!), alguma enfim na perfeita união com Cristo! Bela meta (sim, porém deveria conjugar-se com a perfeita união com as irmãs). Em suma, sim, parecemos um pouco com Maria, não se pode dizer que não, mas podemos fazer mais... A nossa é uma Mãe maravilhosa, mas alguma herdou somente... a coroa e o cetro! (não sei se me explico...).

Depois Dom Bosco nos quis *monumento vivo de Maria*... O que quer dizer isto? Um pouco como aquelas estátuas de pedra de Nossa Senhora, que estão ali imóveis e num certo momento iniciam a falar ou a chorar. Uma estátua viva! Milagre! Deveremos ser assim também nós. Alguém nos vê e grita... (milagre!).

No artigo 44 se diz que devemos recorrer a Maria! Belo este verbo! Quer dizer ir adiante e atrás para pedir auxílio, bater e rebater no coração. Com o tempo que correm digam-me se não temos necessidade.

A oração mais adaptada para implorar auxílio, que é aquela do Rosário, hoje é maltratada... é mais adaptada às anciãs como eu do que às jovens. Quando orientam a oração, a dezena é substituída por um canto com o violão... Troca-se a primeira parte da Ave Maria, troca-se a segunda parte da Ave Maria, trocam-se as ladainhas, se encurta tudo... além de recorrer, também a oração torna-se um "toque e fuga"... Adeus devoção!

Não existem mais os belos rosários de antigamente... eu rezo três por dia daqueles tradicionais, as vezes também quatro, enquanto a diretora faz a conferência, e sou serena!

Enfim ser Filha de Maria Auxiliadora significa que Maria é a verdadeira superiora (artigo 114). O que não quer dizer que se a tua diretora não te compreende, ou não tem tempo, tu a supera porque ela não é aquela verdadeira! Ou se a Inspetora é distante e tens divergência com ela, tu apelas à tua consciência e sustenta que Maria Auxiliadora está de acordo contigo! E Maria não se cansa de dizer "façam aquilo que Ele disser"... Se depois alguma nossa superiora, está um pouco em crise, pobrezinha, não tem mesmo o coração de Maria, este é um outro negócio.

Parecer de Camila.

FORUM

A experiência de fé de Dom Bosco foi fortemente Mariana. Madre Mazzarello sempre acreditou na intervenção direta de Nossa Senhora na vida do Instituto desde a sua origem.
Narre-nos a tua experiência com Maria. O teu relacionamento com Nossa Senhora, o teu modo pessoal de dirigir-se a ela. O que ela representa em tua vida.

PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ **Para que tenhamos vida.**
A educação é coisa de coração, a missão não é questão de tarefa e de eficiência, mas de paixão e de coração.

A PROCURA **Outra economia**
A gratuidade do tempo.

Vozes de Mulher
A dignidade diante da cultura da violência.

COMUNICAR **Direito de Acesso.**
Evangelização: A palavrinha ao ouvido.

Fórum
A nossa paixão educativa.

Pensamento
"Experimente ser como crianças. Não faças as coisas porque são absolutamente necessárias, mas livremente e por amor. Todas as regras se tornam uma espécie de jogo".

(Thomas Merton)